

Cotações preocupam

O ânimo dos agricultores com a disparada dos preços do milho durante o ano passado se transformou em preocupação com o recuo das cotações. Na semana passada, o preço médio da saca de 60 quilos no Estado ficou abaixo de R\$ 30. Um ano atrás, estava na casa dos R\$ 35 e ao longo do ano chegou a superar R\$ 50.

O analista Paulo Molinari, da Safras & Mercados, lembra que a conjuntura atual é oposta a vivida ano passado. Em 2016, o país atravessava período de exportações fortes, movimento que se iniciou em 2015 e derrubou os estoques. Apenas no primeiro semestre de 2016, os embarques somaram 12,2 milhões de toneladas, 130% acima de igual período de 2015. Para completar, a safra no Brasil Central teve quebra significativa. Agora, além das exportações em ritmo mais lento devido ao câmbio, a produção estimada para 2017 chega a 84,48 milhões de toneladas, 26,6% acima do ano passado, conforme dados da Conab.

– Isso só muda se acontecer alguma coisa que quebra da safra americana ou disparada do câmbio – avalia Molinari.

Apesar do incentivo das cotações na época em que os agricultores formavam as lavouras, o Estado tem o quinto ano consecutivo de redução da área plantada. Mantida a tendência, sem perspectiva de reação no valor, há risco de a área voltar a cair na próxima safra.

– O preço, como está, não estimula o produtor. E no curto prazo não vejo algo que modifique esse cenário – resume o presidente da Associação dos Produtores de Milho no RS (Apromilho), Claudio de Jesus.

Para o dirigente, apenas um forte repique do câmbio ou dificuldades na implantação das lavouras nas regiões brasileiras onde há safrinha poderiam mudar o quadro.

As indústrias de carnes de aves e suínos, que ano passado sofreram com o salto das cotações do principal item de seu custo de produção, não estão conseguindo aproveitar a acomodação dos preços. A causa, diz Rogério Kerber, diretor-executivo do Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos (SIPS) do Estado, é a falta de caixa.

– O que aconteceu ano passado no país foi algo fora da curva. Agora, voltamos a ficar de acordo com o mercado internacional. Mas o setor que demanda milho está descapitalizado e não consegue fazer as compras do produto que poderia consumir ao longo do ano – observa o dirigente.

Diante do impasse, as indústrias vão tentar junto ao governo federal a disponibilização de uma linha de crédito que dê fôlego para a aquisição de milho.

Lotar Kienast, de Carazinho, deverá colher mais de 200 sacas por hectare

Risco menor e produção maior

Adepto da irrigação há cerca de duas décadas, o agricultor Lotar Kienast, 74 anos, de Carazinho, se encaminha para uma safra com produtividade acima de 200 sacas por hectare com a ajuda dos pivôs centrais. Janeiro até choveu bem, mas dezembro teve algumas semanas sem precipitações adequadas, o que poderia comprometer o rendimento da lavoura de 110 hectares.

– O milho, se não plantar com irrigação, é muito arriscado. As chuvas muitas vezes são pancadas espalhadas, então vamos controlando a umidade – diz Kienast, calculando que, se dependesse apenas da chuva, talvez a produtividade recuasse em até 30 sacas por hectare.

Kienast conta que, a despeito da frustração com os preços e dos ganhos inferiores do milho em relação à soja, mantém a lavoura para fazer rotação de cultura. Mesmo que as cotações não reajam, não pensa em reduzir a área na próxima safra. A venda antecipada de parte da produção, no entanto, vai garantir uma melhor rentabilidade. No final do ano passado, quando os preços estavam melhores, comercializou no mercado futuro o equivalente a pelo menos 40% do volume que projeta colher.

O boletim conjuntural da Emater, divulgado na quarta-feira, mostra que algumas lavouras irrigadas no Estado estão obtendo produtividades que alcançam 250 sacas por hectare. Em outras áreas, o rendimento é variado. Nas plantações que não contam com pivô e não tiveram falta de umidade, a produtividade fica em torno de 160 sacas. Mas nas que sofreram com a ausência de chuva nos momentos mais sensíveis, o número fica em menos de cem sacas.



Mesmo com rendimento reduzido, Von Frühauf não reduzirá área plantada

Resultado incerto de safra

Burocracia para obter licenciamento, custo do investimento, topografia e o fato de ter áreas divididas são alguns dos fatores que inibem o agricultor Wilson Paulo Von Frühauf, 56 anos, de Não-Me-Toque, a apostar na irrigação. Apesar do histórico de boas produtividades, depender apenas da chuva faz o resultado da lavoura ser incerto.

A falta de precipitação adequada em dezembro reduziu o rendimento esperado. Agora, Von Frühauf calcula que poderá colher nove toneladas por hectare – equivalente a 150 sacas por hectare –, 25% a menos do que projetava nos 32 hectares destinados ao milho:

– A gente se frustra um pouco, porque o ano passado foi excepcional. Deu mais

resultado do que a soja – lamenta.

Além da produtividade abaixo do inicialmente estimado, os preços em queda também devem afetar o resultado financeiro. Mesmo assim, o agricultor não se deixa abater pelo pessimismo. Por ser tradicional produtor de milho, Von Frühauf diz que não pensa em reduzir a área. A importância da cultura, ressalta, está na rotação de cultura, diluição de custos da propriedade e do próprio calendário de trabalho na lavoura.

– Mercado é momentâneo. Ano que vem pode mudar novamente. Se ficar pulando (*deixando de plantar um ano*), corroo o risco de estar pulando sempre no ano errado – observa o agricultor.

FOTOS: DIDDO ZANATA/EPIC/AL

